



Encruzilhadas metodológicas. Revisitando as etapas de um estudo etnográfico realizado num terreiro de umbanda

Methodological crossroads.
Revisiting the steps of an ethnographic study carried out on a umbanda terreiro

Taíza Gabriela Zanatta Crestani e Sílvio Antônio Colognese

Resumo

Neste artigo apresenta-se a trajetória metodológica de um estudo etnográfico realizado no Terreiro de Umbanda mais antigo da região sudoeste do estado do Paraná: a Tenda Espírita de Umbanda São Jorge (Clevelândia/PR). São destacadas as formas de manejo dos instrumentos e técnicas que a experiência de estar em campo exigiu, e as estratégias adotadas ante os desafios encontrados ao longo de todo o percurso da produção científica. Portanto, além de abranger o relato dos bastidores da pesquisa, com destaque para os diálogos entre pesquisadora e respectivo professor orientador, o presente texto permitirá aos leitores o entendimento da proposta de articulação dos dados provenientes do resgate literário e da experiência de campo. Para facilitar a compreensão dos aspectos gerais pesquisa, optou-se pela apresentação detalhada de cada uma das suas etapas, iniciando pela delimitação da questão norteadora, objetivos e hipótese (pré-projeto), até a configuração da dissertação de mestrado em sua versão final. Deste modo, ficam evidentes os processos de tomada de decisão por parte dos autores e os argumentos que lhes dão sustentação.

Palavras-Chave: Método; etnografia; religião; umbanda; Paraná.

Abstract

This article presents the methodological trajectory of an ethnography performed in the oldest Umbanda Terreiro of southwestern Paraná state: Tenda Espírita de Umbanda São Jorge. It emphasizes the ways of handling the instruments and techniques that the experience of being in the field required, and the strategies adopted by the researchers in face of the challenges found throughout the scientific production. Therefore, in addition to covering the backstage report of the research, we also tangent in this compilation the process of adapting the data from the field in the form of text, allowing the reader a glimpse of the stages of construction of the work. To facilitate the understanding of the general research aspects, we opted for the detailed of each one of its stages, starting with the delimitation of the problem question, objectives and hypothesis (pre-project), until the configuration of the dissertation in its final version. In this way, the researchers' decision-making processes and the arguments that support them are evident.

Keywords: Method; ethnography; religion; umbanda; Paraná.

1. Introdução

Os representantes da chamada antropologia pós-moderna – como é o caso de Clifford Geertz, Paul Rainbow e James Clifford – tem se debruçado ao debate de questões que permeiam o exercício da pesquisa etnográfica, subvertendo a lógica de análise até então predominante. A partir de então, ao invés do campo, é a escrita que se torna alvo de problematização. ¿De que forma a narrativa do pesquisador se articula à realidade que o mesmo se propôs a apresentar?

Indagações deste caráter contribuem para desconstruir a ideia de que o exercício etnográfico se resume a um movimento de categorização de “ *fatos estranhos e irregulares em categorias familiares e ordenadas*” (Geertz, 1989: 205), e apontam a necessidade de considerarmos a complexidade das articulações que se constroem e atravessam todos os níveis da produção científica.

A este respeito, qualquer estudioso que busque dialogar com outras realidades no intuito de pensar e elaborar reflexões a seu respeito, sabe que será desafiado constantemente. Nós, cientistas sociais, quando saímos de nossas casas (ou “gabinetes/laboratórios”) em direção ao campo, tentamos nos precaver ante os deslocamentos que este movimento requer. Geralmente o fazemos analisando relatos de estudiosos com os quais compartilhamos questionamentos similares, e nos debruçamos sob os chamados clássicos da área. Somente a partir daí – quando julgamos que treinamos suficientemente a nossa percepção (Cardoso De Oliveira, 1996) – nos colocamos a caminho, marcando o início da jornada.

Desde as primeiras palavras que ouvimos dos interlocutores até as últimas linhas das considerações finais (quando, então, encerramos o percurso), somos impulsionados a fazer escolhas (teóricas e práticas) e assumir a responsabilidade ante as suas consequências. Eis de onde nascem as contribuições originais: das bifurcações e encruzilhadas – ou, nas palavras de Malighetti (2004), dos processos de renegociação e dialogicidade constantes que exigem dos pesquisadores formas particulares de manejo. Daí a importância de resgatar os trajetos que, na versão final dos textos são (re)configurados pelo autor no intuito de seduzir os seus futuros apreciadores.

Contudo, embora o debate em torno das relações interlocutor-entrevistador e dos desafios da pesquisa antropológica ter conquistado destaque e terreno fértil para se desenvolver, de uma forma geral ainda são escassas as contribuições que abordam a percepção dos autores acerca dos *backgrounds* das suas produções. Este movimento compreende um exercício atípico, a partir do qual o pesquisador dispõe-se a observar o próprio texto a partir de um novo ângulo, onde há um esforço de estranhamento não para com o campo, mas para consigo.

Consciente de que *esteve lá e já esteve também aqui* (Geertz, 1989), a proposta é dar um passo adiante no intuito de analisar o produto deste deslocamento. ¿Como nos posicionamos diante do que produzimos? ¿Como avaliamos as nossas pesquisas e os caminhos que as tornaram possíveis?

Com o objetivo de abrir espaço para debater questões do gênero, o presente artigo foi estruturado. Aqui, consta detalhado o passo a passo da construção de uma dissertação de mestrado da área das Ciências Sociais, desenvolvida no período situado entre 2016-2018, tendo como objeto de estudo o primeiro Terreiro de Umbanda fundado na região sudoeste do Estado do Paraná. O conteúdo privilegiado para este momento abrange um compilado de informações que permitem o vislumbre das etapas percorridas durante a realização da pesquisa, desde o processo de estruturação do projeto de investigação até a devolutiva para os interlocutores.

2. Observando de longe: as primeiras impressões do campo

Para Cardoso de Oliveira (1996), a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) está na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, conforme o autor, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar se acomoda no esquema conceitual ao qual estamos familiarizados. Mas, para além das afinidades teóricas, a bagagem cultural do pesquisador também interfere neste processo.

Em consonância, quando optei por compreender de que forma a religião da Umbanda surgiu no cenário do sudoeste do Paraná, eu (pesquisadora) pressupus que os terreiros instalados na região sudoeste do Estado do Paraná fossem alvo de perseguição, devido ao fato das suas práticas se diferenciarem das religiões hegemônicas de vertente cristã (tal como é o caso do Catolicismo Institucionalizado). Esta noção se construiu a partir da articulação de informações historiográficas com a minha própria experiência enquanto habitante de uma cidade de pequeno porte localizada no extremo oeste do Estado de Santa Catarina.

Na época foi verificado que, em algumas cidades situadas na região, destacando-se nestes termos o município de Francisco Beltrão/PR, as instituições religiosas de matriz afro-brasileira localizavam-se em locais de difícil acesso para os munícipes, com significativo afastamento das áreas centrais. Apesar deste ser o maior município da região supracitada, através de uma breve pesquisa em plataformas de comunicação locais disponíveis online (como é o caso do *Jornal do Sudoeste*), foi possível observar que o terreiro de Umbanda mais antigo da região estava situado em Clevelândia/PR, uma cidade com cerca de quinze mil habitantes. Tendo isso em vista, em primeira instância, o projeto de pesquisa submetido ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais foi construído com vista a abarcar estes dois cenários, partindo da hipótese de que no caso do segundo município, a instituição religiosa de caráter Umbandista estivesse localizada em local inóspito, como estratégia de “defesa”.

Buscando entender como a política de ocupação territorial e seus efeitos contribuíam para este afastamento, o projeto de pesquisa tinha como objetivo primordial resgatar as raízes da Umbanda no Sudoeste do Paraná, destacando a trajetória das instituições e dos respectivos representantes por meio da realização de entrevistas. Deste modo, a proposta girava em torno da análise de situações de embate. Resgatando-se o percurso dos Dirigentes¹ das instituições umbandistas, eu acreditava que seria possível identificar os fatores que influenciavam as suas maneiras específicas de fazer uso dos espaços das referidas cidades.

Após o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação, nas primeiras orientações efetuadas, o professor destacou a importância de rever a circunscrição do campo de pesquisa. Em diálogo, ele argumentou que seria interessante optar entre uma das duas cidades referenciadas, considerando o tempo reservado para a conclusão do trabalho. A cidade de Clevelândia/PR foi escolhida devido ao fato de ser o município sudoestino mais antigo do Paraná, e comportar em seu território – conforme dito anteriormente - o primeiro Terreiro de Umbanda da região. A partir daí, buscou-se estabelecer contato com os Dirigentes da instituição religiosa, formalmente intitulada “Tenda Espírita de Umbanda São Jorge”. O contato telefônico foi encontrado facilmente *online*, junto ao Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) da instituição. Assim, a primeira visita foi agendada. Na ocasião, fui orientada a avaliar a viabilidade de realização do estudo e apresentar aos Dirigentes um esboço dos caminhos metodológicos.

3. Aproximando do campo, estabelecendo contato e “redomesticando o olhar”

O primeiro contato com a lalorixá² da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge ocorreu no mês de julho de 2016. Ao chegar à cidade, foi possível verificar que a instituição estava localizada no perímetro urbano, próxima do centro comercial, da capela católica de Nossa Senhora dos Remédios e também de escolas públicas.

No intuito de obter informações sobre como chegar até o endereço, procurei interagir com cidadãos que circulavam pela estação rodoviária. Nenhum dos munícipes contatados na ocasião apresentou dificuldade em apontar o endereço de Dona Jurema (Dirigente Espiritual da Tenda Espírita), demonstrando a popularidade dos trabalhos religiosos efetuados ali. Ademais, foi

¹ Os Dirigentes de Terreiros são os Sacerdotes responsáveis pela organização dos rituais. A Tenda Espírita de Umbanda São Jorge conta com dois Dirigentes: Dona Jurema, que é responsável pelos trabalhos espirituais, e seu marido Valdir, responsável pelas questões burocráticas e aspectos legais. Suas funções se complementam.

² Nomenclatura de origem africana; substantivo feminino que denota a posição de sacerdote do terreiro, conhecida popularmente no Brasil como Mãe de Santo ou Mãe de Terreiro.

possível observar que, ao referenciarem a atuação dos fundadores da instituição (Seu Baiano e Dona Trindade),³ as palavras “cura” e “caridade” sobressaiam. O próprio motorista que me acompanhou no trajeto até o local, ao ser indagado a respeito, destacou: “*Tem muita gente que vem de fora para consultar com a Dona Jurema*”, “*Hoje quem cuida é a filha mas há um bom tempo, eram os pais dela, eles fizeram muita caridade*”.

Chegando ao destino, notei que a Tenda estava inserida no mesmo terreno onde situa-se a casa da atual Dirigente (Ialorixá). Nos momentos iniciais, a conversa desenvolveu-se em tom formal, haja vista a minha preocupação em descrever os pormenores do estudo. Contudo, no instante em que Dona Jurema se dispôs a apresentar o espaço onde os rituais acontecem, a sua narrativa assumiu outras direções. Ao explicar o lugar dos objetos e descrever as fotografias penduradas na parede da Tenda, por exemplo, Dona Jurema fez inúmeras referências a situações familiares, e o que era para ser uma conversa rápida, transformou-se num diálogo demorado. Neste mesmo dia foi gravada a primeira entrevista.

Fui, então, convidada a participar da próxima Gira de Umbanda⁴ do mês (duas semanas após a primeira visita), e informada acerca dos horários e dias de funcionamento das atividades organizadas pela instituição. A partir daí, o casal que atualmente é responsável pelas práticas religiosas (Valdir e Jurema) me apresentaram aos médiuns⁵ mais antigos da instituição, facilitando o estabelecimento de vínculo e o registro do contato dos mesmos para fins de agendamento de entrevistas.

A presença *in loco* propiciou a associação comparativa da descrição elaborada pela Dirigente e a minha experiência com a religião. Eu já havia visitado outros terreiros de Umbanda localizados na Região Sul do Brasil, com vista a estudar o tema, já no período de graduação. A partir deste exercício, foi possível identificar semelhanças (como é o caso do movimento de Bater Cabeça no início das Giras),⁶ mas também diferenças cruciais no que tange à dinâmica das relações interpessoais (por exemplo: formas de recepcionar os consulentes, de manter o alinhamento dos médiuns a partir das suas funções, e de ordenar os atendimentos). Foi assim que a primeira oportunidade de observação se processou, isto é, através da sobreposição de vivências antigas e atuais relacionadas ao fenômeno estudado, em busca de *brechas* ou pontos de aproximação.

Deste exercício originaram-se questionamentos em relação às fontes bibliográficas na busca de compreender os aspectos gerais da religião, mas também as suas especificidades. Quais características um terreiro de Umbanda precisa apresentar para ser reconhecido enquanto tal? Quais fatores possibilitam a sua diferenciação? Buscando responder perguntas do gênero, através de diálogo com o professor orientador, julguei ser oportuno analisar as possibilidades de vinculação entre sujeitos que o contexto ritualístico propiciava.

Por conseguinte, seguindo os direcionamentos provenientes *do laboratório*, comecei a prestar atenção não só *àquilo* que estava sendo dito ou mostrado pelos médiuns e pelo público atendido durante os rituais, mas sobretudo ao *como* estava sendo dito (ou seja: à intenção de comunicação dos atores). Isso permitiu que eu me reposicionasse diante das contribuições dos participantes. Nos registros efetuados no Diário de Campo, foram privilegiados os momentos de interação com os participantes que transcendiam a realização das entrevistas gravadas.

Ficou evidente que devido à influência da postura da Ialorixá – a qual forneceu abertura para a minha livre circulação no espaço da Tenda durante os rituais – os médiuns se esforçavam para promover a minha familiarização, explicando como eu deveria proceder ao adentrar na

³ Nomes pelos quais os pais da atual Dirigente Espiritual eram conhecidos popularmente.

⁴ Deriva de njira (idioma quimbundo); é o nome dos rituais religiosos umbandistas que são organizados coletivamente, onde as pessoas que desempenham a função de médiuns de incorporação recebem as entidades espirituais.

⁵ Pessoa capaz de se comunicar com espíritos desencarnados.

⁶ Atitude de reverência às entidades da Umbanda, onde o médium deita-se no chão (de barriga para baixo) no início dos rituais, deixando a parte superior da cabeça voltada ao Congá (local onde ficam as imagens de entidades e divindades e demais elementos considerados sagrados).

instituição, nomeando alguns locais que requeriam reverência, como é o caso de um canto do muro que dá acesso à área da casa de Dona Jurema, situado ao lado do portão de entrada. Segundo a Mãe Pequena, neste local (sem demarcação com quaisquer símbolos religiosos), faz-se importante pedir permissão para o espírito guardião da casa através de gestos e palavras. Era como se os médiuns dissessem: “se você quer entender o universo da Tenda, tem que saber para onde e de que forma olhar”.

Estas orientações foram tomadas como norte. Fiz questão de me apresentar como aprendiz deste microcosmos, disposta a reunir todas as informações que os médiuns quisessem compartilhar, estando atreladas ou não ao objetivo geral da pesquisa. A identificação de minha pessoa como alguém interessada em aprender, contribuiu sobremaneira para a construção de diálogos informais, os quais, em momento posterior, mostraram-se extremamente importantes para deixar tanto os interlocutores à vontade para a gravação das entrevistas.

4. No “laboratório”: (re) formulação da questão norteadora

Retornando ao cenário da Universidade, o primeiro passo foi organizar os dados provenientes do campo. Após a realização de um breve relato ao professor orientador, foram delimitados alguns eixos para sustentar o processo de análise. O primeiro deles abrangeu a reformulação do problema e da hipótese de pesquisa à luz das especificidades percebidas.

Neste percurso, chamaram a atenção algumas características da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge, tais como: a) número de médiuns filiados (cerca de oitenta, na época), b) os livros de presença arquivados pela Mãe de Santo (datados de 1960 até 2017), c) a diversidade étnica presente nos rituais, d) a preocupação dos Dirigentes em apresentar a instituição religiosa como uma forma de extensão do núcleo familiar, e) o compromisso dos médiuns em zelar pela boa reputação da Umbanda na cidade de Clevelândia, f) a valorização do sincretismo com a religião católica (institucionalizada e não institucionalizada), e g) a localização central da Tenda.

Do mesmo modo, a diversidade inerente aos rituais surpreendeu. Antes do contato com os frequentadores da Tenda, eu supus que grande parte dos frequentadores da Umbanda na localidade fosse de origem afrodescendente (como de fato se reconhecem os Dirigentes). Contudo, desde o início dos trabalhos religiosos efetuados na década de 1960 - conforme foi possível verificar através da análise das assinaturas dos nomes que constam nos Livros de Presença analisados - já havia a participação expressiva de descendentes de imigrantes sulistas, com sobrenomes de origem alemã, italiana, portuguesa e polonesa. Inclusive, sobrenomes de famílias que, segundo a historiografia regional, são consideradas pioneiras no município.

O caráter surpreendente destas informações, bem como a profundidade das entrevistas realizadas com os médiuns que participaram do processo de fundação da instituição religiosa, suscitararam a revisão da questão norteadora da pesquisa. A partir de então, ao invés de questionar de que forma a instituição se fixou e conquistou espaço na localidade onde está inserida, com ênfase nas situações de embate e confronto, apresentou-se como possibilidade instigadora identificar os elos de comunicação e possibilidades de diálogo estabelecidos pela Umbanda, na interface com a diversidade do campo religioso local. No corpo da introdução da dissertação (em sua versão final), esta reviravolta que tomou o fôlego no primeiro estágio do estudo é tangenciada. A guisa de exemplificação, segue um pequeno trecho:

Conforme descreveu Roger Bastide (1973) e posteriormente reafirmou Renato Ortiz (1980), o diferencial da Umbanda reside justamente na forma segundo a qual a mesma propõe a articulação de símbolos distintos e, a partir deste movimento, apresenta uma nova proposta de significação consensual. Sendo assim, antes de buscar enquadrar a Umbanda colocando em suspenso o seu potencial integrador, faz-se mais prudente e interessante assumir que este é um de seus atributos essenciais. Aceitar essa premissa é o que justifica e torna possível o estudo dos processos de legitimação, diferenciação e emancipação da religião; se a recusássemos, teríamos de nos limitar a refletir sobre o seu processo de adaptação. No primeiro caso - onde se afinam os objetivos deste trabalho - a ênfase recai sob a análise de estratégias de ação e propostas de diálogo, considerando a Umbanda em relação com a diversidade (Crestani, 2018: 15).

Isto posto, seguindo as orientações do professor, estruturei um sumário provisório para o trabalho. O primeiro movimento nesta direção foi explorar o contexto sociocultural do município de Clevelândia no momento em que a Tenda Espírita de Umbanda São Jorge foi instalada. Para tanto, foram selecionados alguns autores, tais como: Hermógenes Lazier, Protásio Langer, Sérgio Nadalin, Thomas Aidon, Roselaine Navarro Barrinha, Ruy Wachowicz, Ricardo Abramovay. Tais referências possibilitaram a compreensão do crescimento da cidade de Clevelândia, seus processos de ocupação, colonização e urbanização (que envolveram conflitos entre grupos étnicos – principalmente entre indígenas e não indígenas), e os cenários de disputa política (entre luso-brasileiros e descendentes de imigrantes italianos e alemães).

Devido ao seu caráter geral, o exercício de mapeamento resultou em um número expressivo de páginas. A princípio, a ideia era mantê-lo como primeiro capítulo da dissertação. Todavia, a partir de novas pesquisas e leituras acerca da formação do campo religioso da cidade, o professor orientador solicitou que eu focasse especificamente no resgate da história das instituições religiosas. Para tanto, julgou-se oportuno construir o texto a partir da articulação do conteúdo oriundo da bibliografia e da realização de conversas informais com moradores da cidade de Clevelândia/PR.

5. Retornando ao campo com instrumentos e técnicas pré-estabelecidos

Diante da necessidade de destacar as trajetórias das práticas religiosas desenvolvidas no cenário clevelandense, utilizei como parâmetro, no que tange à estrutura e forma de apresentação das informações reunidas, o trabalho realizado por Diel e Tedesco (2007), pesquisadores que versam sobre a formação do campo religioso da cidade de Palmas/PR (vizinha de Clevelândia). A partir de então, foi possível identificar períodos importantes para o entendimento do tema, os quais se converteram em títulos que compõem o segundo capítulo da dissertação.

Tabela 1: Periodização histórica das práticas religiosas do município de Clevelândia/PR.

Período	Prática religiosa predominante
1840-1900	Desenvolvimento do catolicismo popular
1903-1910	A atuação dos Franciscanos no cenário clevelandense
1912-1916	A herança religiosa do Contestado
1920-1939	A Marcha para o Oeste e a sua influência para a institucionalização do catolicismo
1940-1960	A instalação das igrejas pentecostais em meio ao processo de desmembramento do município
1960	Fundação da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge

Fonte: Os autores.

Em consonância, com a finalidade de complementar as informações obtidas, foram efetuadas visitas à Biblioteca Cidadã, à Prefeitura Municipal (setores da Secretaria da Educação e da Secretaria da Cultura), ao Museu Municipal e ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais – onde tornou-se possível acessar e escanear materiais referentes à história do município, incluindo materiais produzidos pelos próprios munícipes, como é o caso dos livros: “Clevelândia: nossa terra, nossa gente”, de Alzir Demétrio Viecili (2003), e “Um rio por testemunha”, de Guibarra Loureiro de Andrade e Nilton Lúis Pacheco Loures (2014).

Durante o percurso, busquei, junto à Prefeitura Municipal, indicações de indivíduos que residiam em Clevelândia nas décadas de 1960 e 1970 no intuito de compreender quais os pontos referenciais utilizados pelos mesmos para construir a narrativa em torno do estilo de vida proporcionado pela cidade na época em que se iniciaram os trabalhos religiosos na Tenda Espírita de Umbanda São Jorge. Quando consegui entrar em contato com o primeiro informante geral, solicitei ao mesmo a indicação do segundo e assim sucessivamente. Em geral, não houveram

dificuldade de acesso a estes indivíduos, que se apresentaram dispostos a contribuir para o desenvolvimento da pesquisa, em alguns casos fornecendo materiais do próprio arquivo pessoal (tais como: recortes de jornais, cópias de fotografias e documentos que retratam a história da cidade).

Como a primeira etapa da pesquisa de campo abrangeu a análise do entorno da instituição, optei por residir no município de Clevelândia durante um mês para facilitar a reunião de informações. O período de estadia estendeu-se do dia dezenove de julho até o dia vinte de agosto do ano de 2017. A intenção foi *viver a cidade*, fazendo uso dos espaços públicos (praças, ruas, comércio, padarias) para interagir com os moradores locais. Diante da ausência de pensões no município, durante estes trinta dias a minha estadia foi revezada entre os dois hotéis da cidade. A escolha da data não foi casual: no mês de julho, acontece a tradicional festa de aniversário da cidade, ocasião em que são realizadas diversas atividades culturais e de cunho religioso. Participei das festividades, incluindo a Missa Católica realizada na Igreja Matriz. Esta celebração em especial permitiu a análise da representação do caboclo e do colono, entrecruzados, no cenário ritualístico, através da figura do sertanejo. Nesta ocasião, estavam presentes alguns dos frequentadores da Tenda (incluindo médiuns e respectivos familiares) – o que veio a reforçar a hipótese de que a Umbanda valoriza o sincretismo com as práticas do catolicismo (institucionalizado e não institucionalizado). Ademais, após o período das comemorações do aniversário do município, participei de dois cultos evangélicos efetuados em igrejas pentecostais situadas na localidade, onde surgiu a oportunidade de dialogar individualmente com alguns frequentadores. As informações coletadas durante estes momentos de conversação se fizeram úteis para a compreensão da representação da Umbanda na ótica daqueles que não se identificam como seus adeptos.

Na orientação que antecedeu o meu deslocamento à cidade de Clevelândia para a permanência de um mês foram elencadas algumas questões para nortear a pesquisa de campo: a) *de que maneira a religião umbandista é caracterizada pelos clevelandenses?*, b) *como a Tenda dialoga com a realidade sociocultural do contexto em que se insere?*, e c) *de que maneira os frequentadores de outras modalidades religiosas caracterizam os trabalhos religiosos efetuados na Tenda Espírita de Umbanda São Jorge?*

Para refletir a respeito, mantive a atenção a toda e qualquer oportunidade de diálogo com os munícipes ao fazer uso de vias públicas e ao visitar estabelecimentos comerciais. Um aspecto interessante é que grande parte da sistematização dos dados oriundos desta etapa da pesquisa foi efetuada na mesa de uma padaria localizada no centro da cidade, onde eu aproveitava, sempre que surgia a oportunidade, para conversar com os cidadãos que reservavam alguns minutos de intervalo de suas atividades laborais para tomar um café. A partir da primeira semana, os próprios funcionários do estabelecimento demonstraram-se interessados em tomar conhecimento das atividades que estavam sendo desenvolvidas – muito devido ao fato de haver sempre dois ou três livros e muitos papeis e recortes sob a mesa. Após uma breve apresentação por parte da pesquisadora, passaram a se referir à mesma como “a moça que está fazendo uma pesquisa sobre a cidade de Clevelândia”.

5.1. O processo de gravação das entrevistas

A grande parte das entrevistas realizadas com os informantes gerais foram gravadas em âmbito residencial, ou em seus locais de trabalho.⁷ Neste segundo caso, as gravações tiveram de ser interrompidas e retomadas constantemente, o que interferiu nas manifestações de espontaneidade durante as conversas. Entre os “cortes” das gravações, tornou-se oportuno o registro de anotações complementares e a revisão das perguntas, levando em consideração as especificidades das condições e da dinâmica de conversação estabelecida. Em contraste, as entrevistas que foram realizadas em ambiente doméstico apresentaram maior fluidez, se construíram numa linha de diálogo mais aberta, de modo que não senti a necessidade intervir

⁷ Foram somente gravados os diálogos com os moradores locais cujo tempo de conversação ultrapassou vinte minutos, ocasião em que as entrevistas foram pré-agendadas.

frequentemente com perguntas diretas, visto que o contexto favoreceu a valorização da complementaridade dos assuntos, que se interligavam por meio de comentários e inferências.

Tais considerações também se aplicam às entrevistas realizadas com os médiuns da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge, que por sua vez ocorreram ao longo das visitas efetuadas à cidade (tanto antes quanto depois do período de minha estadia). Para isso, foi realizado o agendamento prévio das entrevistas e a escolha do local ficou a critério dos interlocutores. Alguns preferiram gravar as entrevistas nos dias de Gira, minutos após o encerramento dos trabalhos e na companhia da lalorixá – que forneceu gentilmente a sua sala de estar para tanto. Outros preferiram me receber no âmbito das suas casas, sempre aguardando com algo a oferecer: um chimarrão, um pedaço de bolo, uma xícara de café ou chá.

Não raro após a realização dos encontros, surgiram convites do tipo: “fique mais tempo, vamos jogar conversa fora!”. Durante estas conversas (não gravadas), ocasionalmente surgiam que faziam ponte com as práticas religiosas; os médiuns mais antigos que conheceram Dona Trindade e Seu Baiano, por exemplo, ao descreverem episódios do passado, mencionavam situações compartilhadas na instituição religiosa ou através dela. Quando isso acontecia, frequentemente comentavam algo do tipo: “acabei de lembrar de uma situação que seria interessante você registrar”, e então se iniciava um novo registro de áudio.

A minha intenção foi justamente trabalhar o vínculo com os médiuns no intuito de propiciar um ambiente amistoso para que, nas palavras de Roberto Cardoso de Oliveira (1996), os horizontes semânticos de ambas as partes se mesclassem, de modo a promover a fusão de propostas de significação. Concordo com o autor quando este defende que a escuta do pesquisador se aperfeiçoa na medida em que ele se dispõe a reconhecer a influência da própria atitude/postura sob a produção das narrativas dos participantes, apresentando-se a eles também na qualidade de interlocutor.

Esta é, basicamente, uma das características que definem a pesquisa etnográfica, cujo objetivo crucial é, segundo Peirano (1995) e Merleau-Ponty (1994), facilitar o emparelhamento crítico da teoria com o vivido, e torna-se útil ao passo que contribui para o desvelamento dos fenômenos sociais a partir do exercício de alinhamento/harmonização realizado pelo pesquisador. Por este motivo, de acordo com Rocha e Ecker (2008):

A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois, a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto [...] o exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se apresenta. (Rocha e Ecker, 2008: 1)

Assim, salienta-se que antes de iniciar cada gravação, deixei explícito que os participantes poderiam me dirigir perguntas a qualquer momento. Com os médiuns que forneceram mais de uma entrevista, isso se tornou muito frequente, sendo perceptível até mesmo nas gravações como a construção dos diálogos tornou-se menos truncada. Do mesmo modo, ao findar do processo, coloquei-me à disposição para fornecer a cópia da transcrição das suas entrevistas, caso os participantes tivessem interesse em conferir, por escrito, o que haviam expressado oralmente. Nenhum dos interlocutores requisitou o material para apreciação até o momento, mas buscaram fazer contato comigo para obter maiores informações a respeito do processo de confecção e finalização do trabalho quando ele estava sendo finalizado.

O critério de seleção dos interlocutores deu-se *por conveniência* (Minayo, 2008). Foram entrevistados todos os médiuns que, após terem sido comunicados a respeito dos objetivos do estudo, demonstraram interesse e disponibilidade em contribuir. Como forma de identificação dos participantes no texto, optou-se pela sequência numérica que corresponde a ordem de realização das entrevistas. Portanto, o Médiun 01 refere-se ao primeiro entrevistado, o Médiun 02 ao segundo, e assim sucessivamente. Apenas a Dirigente Espiritual, o Dirigente Administrativo, a Mãe

Pequena,⁸ o Ogã da Terreira⁹ e o Ogã de Atabaque e Cânticos¹⁰ demandaram e permitiram diferenciação.

O número de médiuns que colaboraram para o estudo fornecendo entrevistas totaliza vinte. Contudo, foram efetuadas mais de sessenta gravações - considerando que algumas tiveram de ser desmembradas em função de interrupções. Os cônjuges que, na época, frequentavam a instituição, foram entrevistados juntos. Isso exigiu a revisão da pauta de entrevista para amparar as complementações que um fazia nas colocações do outro. Mas, de maneira geral, para todos os médiuns, foram redigidas perguntas semelhantes.

A técnica de investigação, portanto, foi a entrevista semiestruturada em profundidade, a qual, segundo Moré (2015) é indicada

(...) quando o pesquisador, diante de uma temática norteadora, e tendo a narrativa como referência principal, realiza outras indagações, na busca da compreensão do que o participante está narrando. Ou seja, são indagações em torno de um questionamento norteador, que tem por objetivo a busca de sentido para o pesquisador em relação à pergunta e/ou ao objetivo central da investigação. Nesses questionamentos que giram em torno de um item norteador será possível observar o que se denomina de “flexibilidade” na postura do pesquisador, os quais, necessariamente, devem estar ancorados na narrativa do participante. Entende-se que é essa postura que subsidiará a técnica de aplicação da entrevista em profundidade como instrumento. Assim, a entrevista não busca respostas verdadeiras, mas sim, subjetivamente sinceras. (Moré, 2015: 128-129)

Apesar de alguns eixos terem sido delimitados a priori, o fio condutor das entrevistas foi ditado pelos participantes que, ao contribuírem para o desenvolvimento do estudo (fazendo jus às particularidades das suas vivências em relação a Umbanda), se demoravam mais na explanação de alguns pontos e menos na exposição de outros.

5.2. Observação-participante

Para Fino (2003) e Velho (1978), o emprego da técnica da observação-participante se justifica nos casos em que se percebe a necessidade de buscar *um certo grau de implicação* nas atividades desenvolvidas por um grupo específico e, neste sentido, requer um esforço constante de *aproximação e afastamento* por parte dos pesquisadores. Observar e participar, em termos antropológicos, compreende, pois, a administração e a interpretação das sensações de *familiaridade e estranhamento* que a experiência de estar in loco suscita (Da Matta, 1978).

No caso de propostas que compreendem o estudo de rituais religiosos, usufruir da observação e da entrevista em paralelo é fundamental. Afinal, de nada adianta observar uma modalidade de culto sem ao menos tentar compreender o sistema de crenças que lhes dá sustentação (Cardoso De Oliveira, 1996); se assim não o for, corre-se o risco do pesquisador embasar a sua análise em suposições, sem problematizá-las a partir do ponto de vista dos protagonistas dos acontecimentos. Assim, as entrevistas efetuadas com os médiuns foram de extrema importância tanto para a compreensão do seu papel e da sua função nas Giras, quanto para o entendimento da influência da religiosidade em seu cotidiano.

⁸ Auxiliar principal da lalorixá (Mãe de Santo). Tem grande contribuição na formação de médiuns ingressantes e no ensinamento dos pilares da religião umbandista.

⁹ Ogã da Terreira é um substantivo masculino utilizado entre o público pesquisado para fazer referência ao homem reconhecido como capaz de efetuar a proteção espiritual da instituição. Ele contribui ativamente para o desenvolvimento dos rituais coletivos, principalmente no que diz respeito aos processos de abertura e de fechamento dos rituais.

¹⁰ Ogã de Atabaque e Cânticos é uma nomenclatura utilizada para fazer referência àquele que é responsável pelo Atabaque (tambor) maior e, portanto, que organiza e executa as produções sonoras durante a realização das Giras.

A este respeito, ressalta-se que o total de Giras assistidas totaliza treze (13): três durante o segundo semestre do ano de 2016, seis durante o primeiro semestre de 2017 e quatro durante o segundo semestre de 2017. O contato com os médiuns ocorreu antes, durante e depois da participação nos rituais religiosos.

Nas primeiras Giras, permaneci ao lado dos consulentes (quem busca a Tenda para atendimento durante os rituais coletivos) e usufruí dos passes e conversas com os chamados médiuns de incorporação que recebem as entidades espirituais. Foi possível constatar que, embora os rituais ocorressem num grande espaço compartilhado entre muitos agentes (em coletividade), a sua dinâmica propicia a abertura de outros pequenos lugares, que viabilizam o mantimento da privacidade das intervenções.

Com base nestas observações iniciais, as quais posteriormente foram acrescidas, confrontadas e analisadas com informações provenientes da pesquisa documental, do exercício de mapeamento e da bibliografia, o problema de pesquisa foi se reestruturando e adquirindo novos contornos. Em decorrência, muitas idas e vindas (*do texto ao campo* e *do campo ao texto* – como diria Geertz (2009) tiveram de ser realizadas; desta maneira, mesmo após a finalização dos capítulos, com o aval do professor orientador, os mesmos foram revisitados e movimentados para assentar as novas informações. Isso significa que nenhuma parte do texto foi concluída para que outra pudesse se iniciar: todas as etapas da dissertação foram sendo lapidadas em conjunto, o que permitiu a articulação dos conteúdos/assuntos de modo não compartimentado. Como resultado desta lógica de entrelaçamento, a dissertação não comporta capítulos só teóricos e capítulos exclusivamente reservados para a apresentação dos dados: todos se alimentam desta proposta de fusão.

Acerca das formas de registro das percepções oriundas da Observação-Participante, optei pela produção de dois Diários de Campo. Num, constam informações referentes ao aspecto físico, formas de uso do espaço da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge pelos médiuns e respectivo público, descrição da aparência e do vocabulário utilizado por estes sujeitos no contexto ritualístico, etc. Noutro, foram registradas as sensações e sentimentos decorrentes da experiência de campo de forma livremente. Os registros escritos foram efetuados instantes após a conclusão dos rituais.

Foram escolhidos dias específicos para a produção de fotografias e vídeos dos rituais. Na fase inicial da pesquisa de campo, os médiuns foram comunicados pela lalorixá que eu utilizaria recursos eletrônicos durante as Giras. Todavia, embora a Dirigente Espiritual tenha demonstrado abertura para o registro de imagens, optei por conversar individualmente com os médiuns e comunica-los a respeito do uso deste material, e também informando que se em função disso os mesmos se sentissem desconfortáveis, eu não os utilizaria. Contudo, ninguém se mostrou contrário a iniciativa.

6. A produção do texto

Ao longo da produção textual, o objetivo foi construir uma linha de raciocínio compreensiva, de modo a acentuar o exercício de significação efetuado pelos interlocutores. Neste sentido, termos específicos utilizados pelos próprios participantes do estudo no que se refere ao universo umbandista foram mantidos. Em notas de rodapé, na dissertação, constam breves explicações e/ou definições oriundas de dicionários de Umbanda indicados pelos próprios participantes.

Como exemplo, cito a palavra *Terreira*. Através de pesquisa bibliográfica verifiquei somente as variações: “Terreiro”, “Centro” e “Tenda” de Umbanda. Mas entre os médiuns da instituição pesquisada, “Terreira” é um termo utilizado com frequência. Reconhecendo o sentido particular que lhe é atribuído (remetendo à ideia de “segunda casa/segundo lar”) optei pela sua preservação.

A organização do conteúdo oriundo da transcrição das entrevistas foi feita com base nas perguntas básicas dirigidas. As mesmas foram transcritas em conjunto, e aos poucos, no intuito de

melhor visualizar a contribuição de um médium em relação ao outro.¹¹ A partir daí, foram selecionados os trechos que julguei abarcar as considerações de todos. Desta maneira, embora eu tenha buscado manter a atenção também às contradições, destaco que a ênfase da análise recaiu sob os pontos consensuais, ou seja, nas referências e modos de compreensão similares.

Ao longo da realização das entrevistas foi possível perceber que muitos aspectos inerentes à própria história de vida dos médiuns foram retomados. Ao falar do momento em que começaram a frequentar a instituição religiosa, verifiquei que, de maneira geral, os interlocutores esforçavam-se para me situar no tempo, através de um exercício de contextualização particular. A riqueza de detalhes fornecidos tornou oportuna a construção de um capítulo destinado ao estudo das trajetórias dos interlocutores. Tal escolha permitiu a realização do contraponto entre a construção da Umbanda, na ótica do grupo de médiuns, e os modos de compreensão da prática religiosa à luz das suas experiências individuais. Isso foi de grande importância para o desenvolvimento da análise, que, conforme outrora mencionado, fez-se de idas e vindas constantes.

O professor orientador sugeriu, no que diz respeito à interpretação dos dados provenientes da experiência de campo, a utilização da técnica hermenêutica. Ela abrange dois movimentos inseparáveis: o verbal (e/ou gramatical) e o psicológico. Para Cardoso, Santos e Alloufa (2013: 5), enquanto “o momento de interpretação gramatical analisa o discurso, o uso das palavras, os conceitos (...) o momento psicológico transcende o sentido objetivo das palavras, e se dá quando o intérprete se propõe a reconstruir as “intenções” do sujeito que proferiu as palavras”. Deste modo, ao invés de simplesmente apresentar o conteúdo das entrevistas e compará-las ao referencial bibliográfico, foi realizado um esforço de ampliação. Para tanto, em algumas situações, lancei mão de pequenos esquemas e imagens elucidativas (inseridos nos Capítulos 5 e 6 da dissertação), através das quais o leitor poderá verificar com maior nitidez de que forma as informações forma “costuradas”.

No que se refere ao modo de apresentação do texto, optei pela alternância de pronomes pessoais. Assim, nos momentos em que a descrição da experiência *in loco* foi privilegiada (como é o caso do Capítulo 3), o uso da primeira pessoa do singular (“*eu fui*”, “*eu percebi*”, “*eu vi*”, etc.) foi mantida. Em contraste, quando os resultados do exercício de análise e interpretação aparecem em evidência, optei pela conjugação verbal na primeira pessoa do plural (“*percebemos*”, “*identificamos*”, “*observamos*”, etc.), visto que as conclusões propostas foram elaboradas com base na literatura e a partir de debates e discussões junto ao professor orientador.

Por fim, faz-se imprescindível salientar que o sumário foi sistematizado e modificado muitas vezes. Após a etapa de qualificação da dissertação (que ocorreu no mês de agosto de 2017), ele assumiu o seu formato final, com pequenos ajustes no que diz respeito a ordenação dos capítulos. O único aspecto que se manteve desde a elaboração do projeto após o ingresso no mestrado, foi a demarcação de dois momentos essenciais: o resgate sócio-histórico e o desenvolvimento da etnografia. Destaco que o objetivo principal da pesquisa não poderia ter sido alcançado sem a realização do mapeamento do contexto onde o objeto de estudo está situado, pois foi esta iniciativa que tornou possível o delineamento da noção de processo, que é um dos cerne da pesquisa. A este respeito, cabe salientar que o conceito de *processo* empregado na dissertação, apesar de dialogar com a ideia de desenvolvimento, não é compreendido com base no estabelecimento de um senso de linearidade cumulativo (Bhabha, 2007; Le Goff, 1990). Ou seja: é um termo utilizado para nomear a ocorrência de mudanças e nuances a partir de uma linha cronológica específica (demarcada com base no período de fundação da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge até o ano de 2017, quando a pesquisa de campo foi concluída), mas que não alude a padrões ideais de evolução. Assim, o termo torna-se fundamental na medida em que favorece a visualização das estratégias e ações que ganharam forma ao longo do período supracitado. Isso fica evidente no capítulo seis, intitulado “*A terra como um entre-lugar*”.

¹¹ Sendo assim, destaca-se que a primeira pergunta foi transcrita, e, na sequência, todas as respostas fornecidas pelos interlocutores. Somente então, iniciei a transcrição da segunda pergunta, acompanhada de suas respectivas respostas, e assim até encerrar a transcrição das entrevistas que seguiram roteiro semiestruturado.

7. As etapas de finalização e devolutiva aos interlocutores

Após a conclusão da maior parte do trabalho, duas cópias do mesmo foram entregues aos Dirigentes da Tenda Espírita de Umbanda São Jorge, e também para o Ogã da Terra e para a Mãe Pequena (casal que recebeu a pesquisadora muitas vezes em sua residência – inclusive oferecendo pouso nos dias de Gira, do mesmo modo que os responsáveis pela instituição religiosa).

No dia da devolutiva, que ocorreu cerca de um mês antes da entrega da dissertação para a apreciação da banca examinadora, solicitei aos colaboradores que efetuassem a leitura do texto e fizessem apontamentos, com sugestões de ajustes caso assim julgassem necessário. Após esta apreciação, agendamos um horário para a leitura do material em conjunto com os participantes.

Na ocasião, coloquei-me à disposição para sanar as dúvidas dos Dirigentes e do casal de médiuns identificado acima no que se refere ao texto. Em geral, foram apontadas pelos interlocutores a necessidade de substituição de alguns termos. Por exemplo: a Pemba. Segundo a atual responsável pelas atividades mediúnicas da instituição, este é um artefato produzido na África e comercializado por casas especializadas em utensílios religiosos afro-brasileiros. Serve para desenhar Pontos Riscados pelos médiuns (de incorporação) durante as Giras. Sem ter conhecimento acerca deste objeto, primeiramente a pesquisadora o havia descrito como sendo “giz”. Isso foi corrigido após o feedback.

Em relação às referências utilizadas, o próprio Ogã da Terra indicou alguns autores que poderiam contribuir para o entendimento das práticas religiosas. Inclusive, emprestou de seu acervo pessoal alguns livros e documentos sobre a religião, sendo de grande relevância, sobretudo, as produções audiovisuais. Através deste material, foi possível observar os próprios fundadores em contexto ritualístico. Apesar de não ter sido descrito o conteúdo inerente a estas produções no corpo da dissertação, elas foram fundamentais para a ampliação do meu olhar acerca da política de condução das atividades efetuadas na Tenda.

Tanto o Ogã e a Mãe Pequena quanto os atuais Dirigentes apresentam vasto conhecimento acerca da história da Umbanda no cenário brasileiro, algo que ficou evidente ao longo de toda a pesquisa, mas sobretudo neste último encontro de *fechamento do trabalho* onde os interlocutores tiveram a oportunidade de avaliar a proposta interpretativa da pesquisadora diretamente. Por este motivo, posso dizer que os mesmos contribuíram ativamente na lapidação do texto.

Após a longa atividade de revisão, quando a leitura da dissertação foi feita junto com o Dirigente Administrativo e a Dirigente Espiritual, comuniquei que iria visita-los em breve para lhes apresentar uma nova cópia do trabalho, contendo as alterações efetuadas em vermelho para facilitar a nova apreciação dos participantes. Os ajustes finais foram incluídos ao texto em período anterior à defesa da dissertação, e a última devolutiva aos interlocutores foi efetuada cerca de um mês após a aprovação do trabalho pela banca examinadora.

8. Considerações finais

Este artigo apresenta as etapas de produção de uma dissertação de mestrado na área das Ciências Sociais, cujo objetivo central foi compreender o processo de legitimação de um terreiro de Umbanda localizado na cidade de Clevelândia/PR. Muitas vezes, quem lê um trabalho finalizado não conhece as dinâmicas que se engendraram ao longo da sua produção, que é feita de encruzilhadas diante das quais os pesquisadores são impelidos a fazer escolhas e arcar com as suas consequências. O texto, em si, é a testemunha do posicionamento que os escritores assumiram (e/ou assumem) diante do objeto de estudo: daí a importância de refletir acerca dos processos que lhes dão sustentação.

Analisar a própria produção traz à tona questionamentos acerca das múltiplas possibilidades de análise que uma pesquisa é capaz de proporcionar. São exemplos: “se naquele momento optássemos por privilegiar outro ângulo de análise, poderíamos chegar às mesmas conclusões?”; “que implicações esta pesquisa teve na minha formação, enquanto pessoa e pesquisadora?”. Rer ler é visitar: eis uma das grandes artimanhas da palavra escrita. E, como bem diria Mariza Peirano: todo retorno é sempre um novo retorno.

Se não nos dispormos a retornar, invariavelmente, torna-se mais difícil aprender a partir dos nossos erros e acertos, dos nossos tropeços e encaços. Este breve ensaio, compreende um diálogo dos pesquisadores para consigo mesmos, ao passo que oportuniza a troca de impressões com o leitor, na tentativa de aproximá-lo não da realidade do campo, mas das especificidades da trajetória metodológica da pesquisa.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, G. y LOURES, N. L. P. (2014). *Um rio por testemunha: o combate no rio São Francisco de Sales*. Pato Branco: Imprepel.
- BHABHA, H. K. (2007). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (1996). O trabalho antropológico: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, 1 (39), 13-37. Recuperado de: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/MINI%20CURSO%20RAFAEL%20ESTRADA/TRabalhodoAntropologo.pdf
- CARDOSO, M. F., SANTOS, A. C. B. y ALLOUFA, J. M. L. (setembro, 2013). Sujeito, linguagem, ideologia, mundo: técnica hermenêutico-dialética para análise de dados qualitativos de estudos críticos em administração. Em: *XXXVII Encontro da AnPAD*. Rio de Janeiro, Brasil.
- CRESTANI, T.G.Z. (2018). *Uma grande peneira: o processo de legitimação da Terreira de Umbanda São Jorge – Clevelândia PR*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Toledo PR.
- DA MATTA, R. (1978). O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. *Boletim do Museu Nacional*, 12 (27), 1-12. Recuperado de: http://www.ppgasmn-ufri.com/uploads/2/7/2/8/27281669/boletim_do_museu_nacional_27.pdf
- DIEL, P.F y TEDESCO, A. M. (2007). A Igreja na região do Grande Oeste até a criação das Dioceses de Palmas. *Encontros Teológicos*, 3 (22), 65-94. Recuperado de: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/345/332>
- FINO, C. N. (2003). FAQs, etnografia e observação participante. *SEE - Revista Europeia de Etnografia da Educação*, 3, 95-105.
- GEERTZ, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- _____ (2009). *Obras e vidas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- LE GOFF, J. (1990). *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- MALIGHETTI, R. (2004). Etnografia e trabalho de campo: autor, autoridade e autorização de discursos. *Revista Pós Ciências Sociais*, 1 (1), 109-122. Recuperado de: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/202/140>
- MERLEAU-PONTY, M. (1994). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- MINAYO, M. C. S. (2008). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- MORÉ, C. (2015). A entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde: dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. *Atas - Investigação Qualitativa nas Ciências Sociais*, 3, 126-131. Recuperado de: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158/154>
- PEIRANO, M. (1995). *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara.
- ROCHA, A. L. e ECKER, C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras*, 9 (21), 1-23. Recuperado de: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301/5371>
- VELHO, G. (1978). Observando o familiar. Em: N. O. E. NUNES (Org.), *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social* (36-45). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- VIECILI, A. D. (2003). *Clevelândia: nossa terra, nossa gente*. Curitiba: Gráfica Xingu.

Autora y autor.

Taíza Gabriela Zanatta Crestani

Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina, Brasil.

Mestra em Ciências Sociais pela UNIOESTE - Universidade do Sudoeste do Estado do Paraná. Professora do curso de Psicologia da UNOESC - Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina.

E-mail: crestani.t@unoesc.edu.br

Sílvio Antônio Colognese

Universidade do Sudoeste do Estado do Paraná, Brasil.

Doutor em Sociologia pela UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do curso de Ciências Sociais da UNIOESTE - Universidade do Sudoeste do Estado do Paraná.

E-mail: silviocolognese@ubest.com.br

Citado.

ZANATTA CRESTANI, Taíza Gabriela y COLOGNESE, Sílvio Antônio (2023). Encruzilhadas metodológicas. Revisitando as etapas de um estudo etnográfico realizado num terreiro de umbanda. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social - ReLMIS*, N°25, Año 13, pp. 19-33.

Plazos.

Recibido: 19/04/2021. Aceptado: 13/08/2021.